



### DOENÇA PARA A MORTE DE ELLEN WEST: BINSWANGER EM DÍVIDA COM KIERKEGAARD

*The sickness unto death of Ellen West: Binswanger indebted to Kierkegaard*

*Enfermedad por la muerte de Ellen West: Binswanger en deuda con Kierkegaard*

**Carlos Campelo da Silva**  
**Myriam Moreira Protasio**  
**Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo**

**Resumo:** O objetivo do presente trabalho é analisar *O Caso Ellen West*, publicado pelo psiquiatra Ludwig Binswanger, à luz das reflexões kierkegaardianas presentes na obra *A doença para a morte*. Para tanto, partiremos da afirmação de Binswanger de que Ellen West padecia da doença mental à qual Kierkegaard se referiu como doença mortal. A doença a que se refere Binswanger é a esquizofrenia que, no caso de Ellen West, era acompanhada de uma anorexia nervosa. Kierkegaard afirmava que o ser humano é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, e denominou a perda do indivíduo em um dos polos da síntese de desespero. Afirmava, ainda, que aquele que se desespera pode assumir três formas: pode ignorar que possui um eu ou, desesperado, pode querer ou não querer ser o si mesmo que, efetivamente, é. No caso de Ellen West, na base de sua doença estaria o desejo desesperado de não ser si mesma ou o desejo desesperado de ser si mesma. Esse trabalho se propõe a investigar essa afirmação de Binswanger, buscando na obra de Kierkegaard o subsídio para uma compreensão existencial do adoecimento psíquico.

**Palavras-chave:** Ludwig Binswanger; Ellen West; Esquizofrenia; Søren Kierkegaard; Desespero.

**Abstract:** The objective of the present work is to analyze *The Ellen West Case*, published by the psychiatrist Ludwig Binswanger, in the light of Kierkegaardian reflections present in the work *The sickness unto death*. To do so, we will start from Binswanger's assertion that Ellen West suffered from the mental illness that Kierkegaard called a mortal illness. The illness referred to by Binswanger is schizophrenia which, in the case of Ellen West, was accompanied by anorexia nervosa. Kierkegaard stated that the human being is a synthesis of the infinite and the finite, of the temporal and the eternal, of freedom and necessity, and called the loss of the individual at one of the poles of the synthesis despair. He also stated that those who despair can take three forms: they can ignore that they have a self or, in despair, they can want or not want to be the person they really are. In the case of Ellen West, the basis of her illness would be the desperate desire not to be herself or the desperate desire to be herself. This paper aims to investigate Binswanger's statement, seeking in Kierkegaard's work the subsidy for an existential understanding of psychic illness.

**Keywords:** Ludwig Binswanger; Ellen West; Schizophrenia; Søren Kierkegaard; Despair.

**Resumen:** El presente trabajo tiene como objetivo analizar *El Caso Ellen West*, publicado por el psiquiatra Ludwig Binswanger, a la luz de las reflexiones kierkegaardianas presentes en la obra *La enfermedad mortal*. Para ello, partiremos de la afirmación de Binswanger de que Ellen West padecía la enfermedad mental a la que Kierkegaard se refería como enfermedad mortal. La enfermedad a la que se refiere Binswanger es la esquizofrenia que, en el caso de Ellen West, se acompañaba de anorexia nervosa. Kierkegaard afirmó que el ser humano es una síntesis de lo infinito y lo finito, de lo temporal y lo eterno, de la libertad y la necesidad, y llamó desesperación a la pérdida del individuo en uno de los polos de la síntesis. También afirmó que aquellos que se desesperan pueden tomar tres

formas: pueden ignorar que tienen un yo o, en la desesperación, pueden querer o no ser la misma persona que realmente son. En el caso de Ellen West, la base de su enfermedad sería el deseo desesperado de no ser ella misma o el deseo desesperado de ser ella misma. Este trabajo se propone investigar el enunciado de Binswanger, buscando en la obra de Kierkegaard el subsidio para una comprensión existencial de la enfermedad psíquica.

**Palabras-clave:** Ludwig Binswanger; Ellen West; Esquizofrenia; Søren Kierkegaard; Desesperación.

O objetivo deste artigo é analisar *O Caso Ellen West, acompanhado* pelo psiquiatra Ludwig Binswanger (1881-1966) e comentado, em algumas passagens, à luz das reflexões kierkegaardianas presentes na obra *A doença para a morte* (Kierkegaard, 1849/2022). Para alcançar o nosso objetivo partimos da afirmação de Binswanger de que Ellen West padeceu da doença mental à qual Kierkegaard (1813-1855) se referiu como doença mortal. Kierkegaard afirmava que o ser humano é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, e denominou a perda do indivíduo em um dos pólos da síntese de desespero. Afirmava, ainda, que aquele que se desespera pode assumir três formas: pode ignorar que possui um eu ou, desesperado, pode querer ou não querer ser o si mesmo que, efetivamente, é. No caso de Ellen West, na base de sua doença estaria o desejo desesperado de não ser si mesma ou o desejo desesperado de ser si mesma. Esse trabalho se propõe a investigar essa afirmação de Binswanger, buscando na obra de Kierkegaard o subsídio para uma compreensão existencial do adoecimento psíquico. Desta forma esperamos contribuir sobre os estudos do tema e incentivar novos estudos.

Utilizamos como método de investigação a revisão da literatura sobre o tema, tomando como literatura principal os textos de Binswanger sobre Ellen West e o texto de Kierkegaard sobre desespero humano; como literatura secundária, buscamos livros, teses e artigos publicados em língua portuguesa. A busca se deu com as palavras-chave Binswanger e Ellen West, Binswanger e Psicopatologia, desespero e Kierkegaard, Psicopatologia e Filosofia, Psicopatologia e Psicologia.

Se quisermos entender a esquizofrenia e a doença mental por uma perspectiva da psicologia existencial, é necessário que mais pesquisas sejam desenvolvidas acerca da relação entre esquizofrenia, saúde mental e desespero. Sabemos que diferentes estudiosos vêm desenvolvendo pesquisas e estudos sobre a relação de Binswanger com Kierkegaard (Feijoo et al., 2020; Protásio et al., 2021). No entanto, há necessidade de que essas investigações tenham continuidade.

Para atender ao nosso objetivo, apresentaremos com mais detalhamento o modo como o filósofo dinamarquês trata o desespero em suas diferentes personificações (Protásio, 2015): o desespero na constituição do eu (finito-infinito; liberdade e necessidade); e o desespero na

categoria da consciência (querer-ser-si mesmo e não-querer ser si mesmo). Tomaremos como objeto central desta investigação o caso Ellen West, um dos casos clínicos detalhados pelo psiquiatra e amplamente difundido entre estudiosos da tradição da psicopatologia fenomenológica.

Binswanger foi um dos primeiros a propor uma compreensão acerca dos fenômenos psicopatológicos. O psiquiatra suíço foi muito influenciado por Husserl e, sobretudo, por Heidegger, na constituição de sua *Daseinsanalyse* (Moreira *et al.*, 2005, p. 384). Porém, há um outro filósofo que exerceu influência sobre a obra de Binswanger, mas, segundo Elisabetta Basso (2016, p. 328), tal influência permanece quase que completamente negligenciada pelos estudiosos de ambos os autores. Trata-se do filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855).

Embora não tenha havido uma completa negligência sobre a presença de Kierkegaard nos estudos do psiquiatra, pelo menos no campo da Psicologia (Dastur & Cabestan, 2015; Holzhey-Kunz, 2018), consideramos que o tema não foi suficientemente aprofundado. Mesmo Binswanger, que faz muitas referências ao dinamarquês em algumas de suas análises clínicas, não se detém nas concepções kierkegaardianas, como o faz, por exemplo, com as concepções de Husserl e Heidegger. Binswanger toma as descrições de Kierkegaard sobre o desespero de ser si próprio ou de não ser si próprio como único elemento de suas reflexões, não considerando a totalidade do que está em questão na obra *A doença até a morte* (Kierkegaard, 2022).

O Caso clínico de Ellen West está presente no capítulo IX do livro intitulado *Existência* (1967 a<sup>1</sup>), organizado por Rollo May, Ernest Angel e Henry Ellenberger, Ludwig Binswanger (1881-1966) sob o título *El caso de Ellen West: Estudio antropológico-clínico*<sup>2</sup>. O caso veio a público, pela primeira vez, em 1844<sup>3</sup>. Em 1957, publicado no livro *Schizophrenie*, de Binswanger (1957), ocasião em que o psiquiatra criou o nome fictício de Ellen West (1888-1921) para referir-se à sua paciente. Ellen permaneceu no sanatório de Bellevue por alguns meses.

Binswanger diagnosticou Ellen como portadora de uma esquizofrenia (*schizophrenia simplex*), diagnóstico confirmado por uma junta médica, incluindo Alfred Hoche e Eugen Bleuler. Essa situação foi se tornando polêmica ao longo dos anos, justamente pelo seu desfecho, já que Ellen terminou por cometer o suicídio, apesar do empenho de Binswanger em

---

<sup>1</sup> Todas as traduções de partes desta obra são de nossa responsabilidade.

<sup>2</sup> Encontramos apenas uma tradução para o português, realizada por Monica Niemeyer e disponível em [https://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wp-content/uploads/2019/10/o\\_caso\\_ellen\\_west.pdf](https://www.fundamentalpsychopathology.org.br/wp-content/uploads/2019/10/o_caso_ellen_west.pdf)

<sup>3</sup> Binswanger, L. (1944). Der Fall Ellen West. Bericht. In: *Schweizer Archiv für Neurologie und Psychiatrie*, n. 53, p. 255–277.

fazê-la declinar da decisão. O caso foi discutido por diferentes autores, tais como Rogers que, em 1960, critica a condução de Binswanger no tratamento de Ellen; em 1971, Lester considera a conduta de Binswanger um homicídio; e, ainda, Akavia, Bray, Toletlough, Frie, Hoffmann e Maltsberger que se referem ao marido de Ellen e ao psiquiatra Binswanger como os culpados pela morte da moça (Silva, 2022).

Atualmente, encontramos dois artigos investigando as interpretações de Binswanger para esse caso, dos autores Moreira et al., (2005) e Berlinck e Magtaz (2008). O primeiro se propõe a aplicar a teoria de Binswanger sobre o *Umwelt*, *Mitwelt* e *Eigenwelt*, para comprovar a inautenticidade da decisão de Ellen pelo suicídio; o segundo quer mostrar que a questão de Ellen não se encaixa em um quadro de desordem alimentar, mas sim é exemplar do conflito entre ego e superego, representando um caso de neurose narcísica.

Como podemos acompanhar, nenhum dos comentadores citados considera o recurso de Binswanger ao pensamento de Kierkegaard na análise do caso, o que nos sugere, como já dissemos, que o fato de Binswanger recorrer a Kierkegaard merece mais pesquisas e estudos. Kierkegaard, sem dúvida, teve uma influência constante no trabalho de Binswanger, estando presente desde as suas primeiras obras até as últimas. Além disso, Kierkegaard foi constantemente citado nos casos clínicos do psiquiatra (Basso, 2016, pp. 350-351), tal como no Caso Ellen West, objeto deste trabalho, no Caso Ilse e no Caso Jürg Zünd.

Segundo Basso (2016, p. 329), um dos motivos de Kierkegaard ser negligenciado na literatura secundária na psiquiatria existencial de Binswanger consiste no fato de que o próprio Kierkegaard foi considerado por alguns psiquiatras e psicanalistas como um caso clínico. O que não faltam são diagnósticos a Kierkegaard. Hjalmar Helweg (1886-1960), psiquiatra dinamarquês, estudou as obras de Kierkegaard e concluiu que ele “sofia de uma condição de depressão alternada com, ou mais usualmente misturada com exaltação maníaca” (Gouvêa, 2006, p. 75). Já a psicanalista Fanny Lowtzki, a partir da análise da obra *A repetição* (1843), chegou à conclusão de que Kierkegaard sofria de uma neurose obsessiva, um complexo de Édipo mal resolvido (Adam, 2007, p. 48).

A leitura que Binswanger faz de Kierkegaard contrasta radicalmente com essas. Segundo Basso (2016, p. 330), “sua leitura parece muito mais similar, em alguns aspectos, ao ponto de vista de psicólogos que reconhecem um interesse especial no próprio pensamento psicológico de Kierkegaard”. Ao invés de erigir Kierkegaard em um caso clínico, Binswanger preferiu buscar no autor referências para o seu trabalho e para a compreensão dos casos que analisou.

Em seu esforço para questionar o modo vigente de exercer a clínica psiquiátrica, Binswanger recorreu a diálogos com outras disciplinas, como a filosofia, as artes, a literatura, por acreditar que essas poderiam fornecer um caminho para ver a totalidade em questão nos casos que analisava. Kierkegaard é um dos pensadores que Binswanger chama para o diálogo por considerar que o dinamarquês conseguiu desenvolver, concomitantemente, um conceito filosófico de doença e um conceito filosófico de loucura como doença mental, expressos na obra *A doença para a morte* (Kierkegaard, 1849/2022), na qual, “juntamente com sua engenhosa descrição e sua interpretação filosófico-teológica”, encontra-se uma importante contribuição do autor para a compreensão antropológico-existencial de “certas formas clínicas de loucura, particularmente, da esquizofrenia”, diz Binswanger (1967b, p. 287). Desse modo, compreendemos que ele vê na obra *A doença para a morte* (1849/2022) uma compreensão proto-existencial da esquizofrenia (Binswanger, 1967a, p. 357).

A palavra proto, aqui utilizada, vem do grego *πρῶτος*, geralmente traduzida como primeiro, inicial ou anterior. É nesse sentido, por exemplo, que os historiadores Misiak e Sexton (Evangelista, 2020, p. 217) referem-se a Willian James como um proto-fenomenólogo, uma vez que ele antecipa em décadas alguns dos temas que aportam com os filósofos europeus. Nesse mesmo sentido, Binswanger afirma que a psiquiatria tem uma dívida com Kierkegaard, pois foi ele quem primeiro vislumbrou o significado da esquizofrenia (Binswanger, 1967, p. 357). É sob essa luz que queremos avançar na compreensão do caso Ellen West.

## **O Caso Ellen West**

Antes de avançarmos na compreensão existencial da esquizofrenia e no que a concepção do filósofo Søren Kierkegaard pode ter contribuído para sua compreensão, queremos trazer alguns dados biográficos acerca do ser humano descrito por Binswanger, ao qual ele deu o nome de Ellen West, indo ao encontro do recurso de Binswanger ao histórico de vida de Ellen.

Binswanger (1967a) considera que, em uma análise existencial, importam os documentos e testemunhos biográficos e autobiográficos. Ressalta que esses precisam ser fidedignos para, dessa forma, alcançar aquilo que está em jogo na dinâmica individual do paciente. O psiquiatra conclui acerca da importância de buscar a história de vida da seguinte forma: “A análise da existência de um indivíduo está também vinculada aos dados históricos” (1967a, p. 324).

Binswanger ressalta, no entanto, que, para a compreensão da história de vida, o médico deve prescindir de juízos de valor de qualquer tipo: moral, estético, social, médico ou qualquer outro referencial que posicione previamente a situação em que o indivíduo se encontra. O

psiquiatra ainda faz uma ressalva, referindo-se à história de vida: “[...] como esta não permanece constante no percurso de vida, ao contrário, sofre variações, a análise existencial não pode avançar de um modo puramente sistemático, por isso tem que se ater estritamente aos fatos biográficos” (Binswanger, 1967a, p. 324). Ou seja, o médico deve permanecer na descrição da história de vida.

Fortemente sob influência da psicanálise, Binswanger se atém, em todas as situações clínicas por ele acompanhadas, na história de vida. Em uma perspectiva fenomenológica, ao acompanhar a história de vida de Ellen, importa o modo como ela articulava o mundo, tal como registrado por Binswanger, apropriando-se da perspectiva de seu desespero no modo como lidava com o caráter finito da existência. Segundo o psiquiatra, essa paciente, totalmente presa ao seu *idiocosmos*, desesperava de si mesma, queria ser o eu de sua invenção, não queria o limite imposto pela passagem do tempo.

Binswanger (1967a) informa que Ellen nasceu de parto normal. Um fato que chama a atenção é que, aos 9 meses, ela recusou o leite, tendo que ser alimentada com papinhas e nunca mais tornando a tomar leite. Ela gostava de carne, mas não de certas verduras e de doces e, se alguém tentasse fazê-la comer à força, organizava uma resistência tremenda. Mais tarde, Ellen West irá confessar que gostava apaixonadamente dos doces. Desse modo, fica evidente que sua resistência não era um caso de repugnância, mas, provavelmente, um ato de renúncia de seus primeiros anos. Segundo afirmação da própria Ellen e de seus pais, ela foi uma criança vivaz, teimosa e violenta. Desafiava por longos períodos as ordens de seus pais e, ainda assim, não obedecia. Além disso, desde criança, havia dias em que tudo lhe parecia vazio e sofria uma opressão que não compreendia.

Aos 10 anos, Ellen se mudou com a família para a Europa, onde permaneceu até sua morte. Estudou em um colégio para meninas, era uma boa estudante, gostava de ir ao colégio e era muito ambiciosa. Às vezes, quando não ficava em primeiro lugar em alguma disciplina favorita, passava horas chorando. Nesse período, seu lema era: “Ou César ou nada” (Binswanger, 1967a, p. 290).

Até seus dezesseis anos, preferia jogos praticados predominantemente por meninos e preferia usar calças compridas. Em uma poesia que escreveu com dezessete anos, expressava o ardente desejo de ser um menino, pois assim poderia se tornar um soldado, não temer a nenhum inimigo e morrer alegremente empunhando a espada. Nesse período, Ellen se considerava chamada a realizar alguma missão especial. Lia muito, ocupava-se intensamente dos problemas sociais, sentindo profundamente o contraste entre sua posição social e a das massas e traçando

planos para melhorar a condição delas. Lê *Niels Lyhne*<sup>4</sup> lhe causa profunda impressão. Ellen passa ao ateísmo total, abandonando sua profunda religiosidade, que havia sido cultivada pela própria Ellen, uma vez que seu pai lhe havia dado uma educação a-religiosa.

Ao décimo oitavo ano de sua vida, desperta nela o desejo de ser delicada e etérea, como as amigas que seleciona. Aos dezenove anos, começa a praticar montaria e logo se converte em uma experiente amazona. Como tudo que faz, pratica a montaria com excessiva intensidade, na realidade, como se essa fosse a única tarefa da sua vida (Binswanger, 1967a, p. 293). Aos 20 anos, ela embarca em um cruzeiro para ver seu irmão mais velho, que está doente. Ela goza dessa viagem comendo e bebendo, ocasião que seria a última em que conseguiria comer com tranquilidade. A essa época, apaixona-se por um forasteiro romântico, mas, cedendo ao desejo de seu pai, rompe o compromisso.

Em seu regresso, Ellen permanece por um tempo na Sicília e escreve algumas páginas sobre “A vocação da mulher”. Aqui, de acordo com o seu diário “ama a vida apaixonadamente”. “Seu deus, é o deus da vida e do gozo, da força e da esperança; lhe consome uma sede ardente de saber e tem um vislumbre ‘dos segredos do universo’. Essas primeiras semanas que Ellen passou na Sicília foram os últimos dias felizes que desfrutou em sua vida” (Binswanger, 1967 a, p. 293).

Em seu diário, ela reproduz as sombras da dúvida e do medo. Sente-se pequena e abandonada em um mundo que não pode entender. No transcurso de tudo isso, aparece algo novo, um temor concreto, o medo de engordar. No princípio de sua estadia na Sicília, Ellen foi tomada por um apetite voraz. Como resultado, engordou tanto que suas amigas começaram a provocá-la, ao ponto de Ellen começar a jejuar e fazer longas caminhadas. Ela leva isso tão a sério que, quando suas amigas param para observar alguma paisagem, Ellen continua dando voltas ao redor delas. Se abstém de doces e de outros alimentos que possam engordar. Quando retorna para sua casa na primavera, todos ficam espantados em vê-la desfigurada.

Ellen, aos vinte e um anos, no primeiro verão após seu retorno da Itália, mostra uma disposição claramente depressiva. Atormentada constantemente com a ideia de que está ficando gorda, continua fazendo longas caminhadas. A ideia da morte já não é mais assustadora, na verdade, a morte é a única coisa que a fascina nesse momento. Ellen escreve: “A morte é a única felicidade da vida, senão a única. Sem a esperança do fim, a vida seria intolerável. A única coisa que me consola, ao menos um pouco, é a certeza que cedo ou tarde a morte chegará” (Binswanger, 1967a, p. 295).

---

<sup>4</sup> Niels Lyhne é personagem de um romance com o mesmo título, de Jens Peter Jacobsen (1847-1885).

Aos 24 anos, Ellen começa a namorar um jovem estudante. Nesse período, seu diário respira ares de sensualidade e alegria de viver. Após o encerramento do semestre de inverno, ela escreve uma poesia, intitulada *Humores de primavera* (Binswanger, 1967a, p. 298):

Quisera morrer como a avezinha  
Que rompe sua garganta em uma explosão de júbilo;  
Melhor que viver como o verme rastejando pela terra  
Tornando-me feia e velha, estólida e muda.  
Quero sentir mais uma vez como se inflamam minhas forças.  
E ardo na fogueira selvagem de meus próprios fogos.

O relacionamento com o jovem é encerrado devido à exigência dos pais por uma separação. Ellen é assaltada, novamente, pela depressão e continua empreendendo esforços para se tornar o mais magra possível. Em uma poesia, que escreveu logo após o término de seu relacionamento, ela se expressou da seguinte forma (Binswanger, 1967a, p. 299):

Ai de mim, ai de mim!  
*A terra produz grão,*  
*Mas eu*  
*Sou estéril,*  
*Uma concha jogada fora,*  
*Uma concha oca*  
*Concha inútil*  
*Criador, criador,*  
*Leva-me contigo!*  
*Cria-me pela segunda vez,*  
*Mas cria-me um pouco melhor.*

*Aos vinte e oito anos, Ellen se casa com seu primo e, seguindo o conselho dele e de seus pais, passa por consulta com vários neurologistas famosos. Ellen se entristece ao olhar para o espelho, sente ódio pelo seu corpo e o golpeia com os punhos. Aos 29 anos, vê-se atormentada entre o desejo de ter um filho e o medo de engordar. Sua menstruação cessa. Mas ela volta a ter um humor melhor, embora deprima-se vez por outra, especialmente quando se percebe engordando. Aos trinta anos, realiza ações sociais, demonstrando um caloroso interesse pelas pessoas. Aos trinta e um anos, continua trabalhando de forma intensa, embora sinta-se cansada, insistindo no uso de laxantes e fazendo uma alimentação pobre, confessando num rompante que só vive para emagrecer e que “essa ideia havia adquirido sobre ela um poder terrível” (Binswanger, 1967a, p. 301).*



Aos trinta e dois anos, mais precisamente no dia 08 de outubro, Ellen faz uma tentativa de suicídio ingerindo 56 comprimidos. Vomita durante parte da noite e, depois, caminha pelas ruas em um mar de lágrimas. De acordo com Ellen, essas semanas são as piores da sua vida, até em sonhos pensa em comida. No dia 7 de novembro, Ellen tenta o suicídio mais uma vez, dessa vez, ingerindo 20 comprimidos. No dia 09 de novembro, volta a comer vorazmente e, no dia 10, caminha pelas ruas tentando se lançar embaixo dos carros. No dia 11, tenta se jogar pela janela do analista e, no dia 12, vai, acompanhada de seu marido, internar-se em uma clínica médica (Binswanger, 1967a, p. 305).

Entre as idas e vindas de Ellen ao hospital psiquiátrico, precisamos avançar para a sua última internação, quando a junta médica que analisava o caso chegou à conclusão de que não havia tratamento algum que pudesse ter eficácia segura. Desse modo, decidem dar alta para a paciente, que se sentiu aliviada, dizendo que, a partir de então, tomaria as rédeas da sua vida. Entretanto, sentia-se muito perturbada pelo fato de que, embora tivesse a intenção de mudar, ainda não conseguia dominar o seu dilema com a comida. Ellen decide, então, voltar para casa no mesmo dia em que recebeu alta.

No terceiro dia após o seu retorno, Ellen parece transformada. No café da manhã come manteiga e açúcar; no almoço, pela primeira vez em treze anos, sente-se satisfeita com a comida, tanto que chega a ficar empanturrada. No café da tarde, toma creme de chocolate e come ovos de Páscoa. Depois, sai para passear com o marido, lê algumas poesias de Rilke, Storm, Goethe e Tennyson. Ellen se encontra com um humor jovial, parece que o seu tormento foi totalmente dissipado. Escreve algumas cartas. À noite, toma uma dose mortal de veneno e, na manhã seguinte, está morta. Seu semblante era diferente: Ellen estava “tranquila, feliz e pacífica” (Binswanger, 1967a, p. 322).

Segundo Silva (2022), Ellen, tomada pelo desespero que se apresentava pela luta entre aquilo que ela queria com todas as suas forças e o que se apresentava como limite de possibilidades, vai em busca de médicos, psiquiatras e psicanalistas. O primeiro psicanalista de Ellen foi Von Gebattel (1883-1976), com o qual se encontrou entre fevereiro e agosto de 1920. O segundo foi Hans Von Hattingberg (1879-1944), em janeiro de 1921. Por fim, ela procura o Sanatório de Bellevue e tem contato com a elite psiquiátrica da época: Eugen Bleuler, Emil Kraepelin e Ludwig Binswanger. Emil Kraepelin (1856-1926), que inaugurou a nosologia psiquiátrica atual, diagnosticou Ellen como portadora de uma melancolia junto a uma psicostenia. Eugen Bleuler (1857-1939) disse tratar-se de uma psicose esquizofrênica progressiva. Os psiquiatras não chegam a um acordo quanto ao diagnóstico de Ellen.

De acordo com Binswanger, ela vivia uma dicotomia entre o mundo etéreo e o mundo da tumba, o espiritual e o físico traduzido/experimentado por Ellen como o ideal da alma (pura e vazia). Sabemos, no entanto, que Ellen experimentava um temor generalizado ligado ao ganho de peso, uma obsessão pela magreza, e se referia, desde muito cedo, a um vazio e a uma ansiedade existencial. Ellen lutava pelo que queria, em total descompasso com aquilo que era possível. Binswanger era partidário do diagnóstico oferecido por Bleuler, entretanto, afirmava que, “se quisermos designar esse modo de existência com apenas uma palavra, não há vocábulo melhor do que desespero, isto considerando do ponto de vista da análise existencial” (Binswanger, 1967a, p. 372).

### **Kierkegaard e a Doença Mortal**

A temática da doença mortal, em Kierkegaard, vem sendo pesquisada já há alguns anos por Feijoo e Protasio (Feijoo, 2000; 2017; Protasio, 2015). Recentemente as autoras publicaram um livro no qual trouxeram uma ampla e profunda reflexão das obras do filósofo remetidas à Psicologia (Feijoo & Protasio, 2023).

*A doença mortal* ou *A doença para a morte* foi uma obra publicada por Søren Kierkegaard (1813-1855) sob o pseudônimo Anti-Climacus, em 1849. A obra ficou mais conhecida entre nós como *Desespero humano* (Kierkegaard, 1849/2010), provavelmente devido ao fato das profundas análises realizadas pelo autor acerca do desespero<sup>5</sup> serem pensadas não pela perspectiva de um estado mental, mas como a própria condição da existência. Kierkegaard afirma que o desespero é a doença da existência, na medida em que a existência do homem não é uma entidade unívoca, mas uma condição tensa, ambígua, dupla entre o viver e o morrer, entre “a beleza que nos deslumbra; a sua *impermanentência*, que nos consterna; e o *desespero* que nos adocece diante da morte” (Campos, 2022, p. 178, grifos do autor).

A duplicidade colocada em questão por Anti-Climacus diz respeito à própria condição do homem que, não podendo colocar a si mesmo, não podendo determinar as condições da sua existência, existe na tensão entre necessidade, temporalidade e finitude, suas circunstâncias e sua condição mortal, que se constituem como sua realidade e, como tal, o definem e limitam; e entre possibilidade, eternidade e infinitude, que sustentam um campo de criação, de liberdade na medida em que ainda há tempo, ainda é possível. Constituída como e em tensão, a realidade da existência é sempre um *entre*, ou melhor, movimenta-se sempre *entre* a realidade fática, que

---

<sup>5</sup> Os equívocos relativos ao título, bem como em relação a algumas passagens do texto, estão relacionados ao fato de que, somente a partir de 2022, pudemos contar com uma tradução para o português, realizada a partir da edição crítica dinamarquesa *Søren Kierkegaard Skrifter* (Ross, 2022).

se dá no tempo presente em suas condições e a eternidade do tempo passado e porvir, cujas condições não conhecemos em totalidade.

Dito isso, passemos à compreensão mais detalhada do que seja desespero para Kierkegaard, a fim de compreendermos em qual sentido Binswanger afirma que Ellen West sofria de desespero. Começamos pela afirmação de Kierkegaard de que o desespero é uma enfermidade do eu (Kierkegaard, 1849/2022, p. 52). Desse modo, torna-se necessário compreender inicialmente a concepção de eu desenvolvida pelo autor. De acordo com Kierkegaard (1849/2022, p. 43):

O [eu] si-mesmo é uma relação que se relaciona consigo mesma, ou consiste no seguinte: que na relação a relação se relacione consigo mesma; o si mesmo[eu] não é a relação, mas que a relação se relacione consigo mesma. O ser humano é uma síntese de infinitude e de finitude, do temporal e do eterno, de liberdade e de necessidade, em suma uma síntese.

O desespero ocorre devido a uma desarmonia nessa relação que o ser humano é. Porém, de acordo com o autor, se o ser humano tivesse colocado a si mesmo, só existiria uma forma de desespero. No entanto, como ele é uma relação derivada<sup>6</sup>, o desespero pode assumir ao menos três formas, são elas: o desespero inconsciente de possuir um si mesmo, o desespero de não querer ser si mesmo e o desespero de querer ser si mesmo.

Acerca da primeira forma de desespero, isto é, o desespero inconsciente de ter um si mesmo, Anti-Climacus a considera a forma mais baixa, isto é, o indivíduo não consegue nem mesmo chegar à compreensão de que é uma síntese e de que a relação pode refletir sobre si mesma (Ross, 2009, p.12). Kierkegaard compara a situação desse desesperado com a de moradores habitando uma ampla edificação e que, no entanto, preferem viver no porão:

Se quisermos imaginar uma casa, com porão, primeiro e segundo pisos, habitada ou construída de modo que houvesse ou estivesse projetada para haver uma distinção social entre os moradores de cada andar – então se compararia o ser uma pessoa com uma tal

---

<sup>6</sup> Para Kierkegaard, quem estabeleceu o conjunto da relação que o ser humano é foi Deus. No entanto, esse Deus, “que fez o ser humano para a relação, como que o solta de sua mão, quer dizer, quando a relação se relaciona consigo mesma. E nisso, no fato de a relação ser espírito, ser o si mesmo, nisso está a responsabilidade sob a qual está todo o desespero [...]” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 46-47).

casa: este é infelizmente o caso, triste e ridículo, da maioria das pessoas, que elas, em suas próprias casas, preferem habitar o porão. Cada ser humano é uma síntese anímico-corpórea estabelecida para ser espírito, esta é a construção; mas ele prefere habitar o porão, ou seja, as determinações do sensível. E não apenas prefere morar no porão, não, ele o ama a tal ponto que fica indignado quando alguém lhe sugere ocupar o belo andar superior que está vago a sua disposição – já que ele, afinal de contas, mora na sua própria casa. (Kierkegaard, 1849/2022, p. 78)

Aqui, a própria ignorância acerca do desespero é desespero. A ignorância funciona como uma proteção, uma garantia. Porém, uma garantia para seu próprio mal, pois sem nenhum apelo da consciência ele se mantém “completamente seguro no poder do desespero” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 79).

A próxima forma de desespero é o desespero de não querer ser si mesmo. Aqui, o eu deseja livrar-se de si mesmo, o que Anti-Climacus denominou de desespero fraqueza: “desesperadamente não querer ser um si-mesmo [*et selv*], ou, o que é o mais baixo de todos: desesperadamente preferir ser um outro ao invés de si mesmo, querer para si um novo si mesmo” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 89). Entretanto, como o homem do imediato não tem profundidade suficiente para conhecer-se a si mesmo, como pode então desejar ser outrem? Segundo Anti-Climacus é aí, portanto, que reside a comicidade, pois esse desesperado se pergunta: “e se eu me tornasse uma outra pessoa? Se eu conseguisse para mim um novo eu mesmo? Sim, e se ela se tornasse outra pessoa – então se reconheceria?” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 90). Anti-Climacus conta-nos uma história cômica para ilustrar a situação desse desesperado. Vejamos:

Conta-se a história de um camponês que veio descalço para a capital com dinheiro suficiente para comprar para si um par de meias e um par de sapatos; entretanto, sobrou dinheiro para que ainda pudesse se embriagar – conta-se, então, que ele, bêbado e tentando encontrar o caminho de casa, caiu no meio da estrada e pegou no sono. Veio então uma carruagem e o cocheiro gritou para que ele saísse do caminho, senão passaria com a carruagem por cima de suas pernas. Acordando, o camponês, bêbado, olhou para suas pernas e, como não conseguisse reconhecê-las, por causa das meias e dos sapatos, disse: pode passar por cima, nem são as minhas pernas mesmo! (Kierkegaard, 2022, p. 90)

De acordo com Kierkegaard/*Anti-Climacus* (1849/2022, p. 90), assim se comporta o homem do imediato que desespera. Tal imagem lembra a epígrafe de *In Vino Veritas*, na qual o pseudônimo Willian Afham utiliza uma frase de Lichtenberg na qual se lê: “Tais obras são espelhos: se é um macaco a olhar, não pode ver-se um apóstolo” (Kierkegaard, 1845/2005, p. 10). A diferença é que, no caso da epígrafe, aquele que se olha no espelho não pode ver outra coisa, senão a si mesmo, seja ele um macaco ou um apóstolo, porém, no caso do homem do imediato, ele não sabe o que vê, pois tampouco conhece a si mesmo.

Entretanto, pode-se misturar ao imediato um pouco de reflexão, nesse caso, o desespero modifica-se um pouco, e “surge um pouco mais de consciência do si mesmo e, com isso, também do que seja desespero e de que o estado de alguém [seu próprio estado] é desespero; já há algum sentido em que tal pessoa fale em estar desesperada [...]” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 90). Ainda assim, *Anti-Climacus* conclui que, no fundo, é desespero-fraqueza, pois é um sofrer em estado passivo e, nesse caso, sua forma continua a ser “desesperadamente não querer ser si mesma” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 90). O problema, de acordo com *Anti-Climacus*, é que a maioria das pessoas não foi particularmente fundo no seu desespero, mas isso não significa que não sejam desesperadas.

Por fim, temos o desespero de querer ser si mesmo, o qual *Anti-Climacus* denominou desespero-desafio. Nessa forma de desespero a consciência do eu aumenta progressivamente e o problema aqui é que esse desesperado quer ser um si mesmo de sua própria invenção, prescindindo do poder que o criou. De acordo com *Anti-Climacus*, aqui o eu é senhor de sua casa, no entanto é desespero, pois se examinarmos com cuidado perceberemos que esse “soberano é um monarca sem reino, ele não reina propriamente sobre nada” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 107). Desse modo o homem desesperado:

... com frequência constrói castelos no ar e frequentemente luta apenas desferindo golpes no ar. Ele parece brilhante com todas essas virtudes de experimentação; por um momento elas encantam, assim como a poesia oriental; um tal autocontrole, uma tal imperturbabilidade, uma tal ataraxia etc., é algo próximo do fabuloso. Sim, ele de fato é assim, e a base para tudo isso é nada. O si-mesmo quer desfrutar desesperadamente toda a satisfação de realizar a si mesmo, de desenvolver a si mesmo, de ser si mesmo; ele quer ter a honra deste projeto poético, magistral, no modo como entendeu a si mesmo. E, contudo, o que ele entendeu por si mesmo é, afinal de contas, um enigma; no exato momento em que parece que está mais próximo do que nunca de acabar o

edifício, ele pode arbitrariamente reduzir tudo a nada. (Kierkegaard, 1849/2022, p. 107-108)

Anti-Climacus chama esse tipo de desespero de demoníaco. Ele é demoníaco porque quer ser si mesmo, porém fechado em si mesmo, esquecendo-se de que o si mesmo é uma relação e que, embora essa relação seja consigo mesmo, só pode reconhecer-se a si mesmo reconhecendo, também, o poder que lhe conferiu existência. É preciso recordar que, para Anti-Climacus, o desespero é a doença e não o remédio. Desse modo, de acordo com o autor, o desespero só é extirpado quando o eu “ao relacionar-se a si mesmo e ao querer ser si mesmo, o si mesmo se funda transparentemente no poder que o estabeleceu” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 45).

### **O Desespero de Ellen West à Luz de Kierkegaard**

Vimos, na primeira parte desse texto, que Binswanger era partidário do diagnóstico de esquizofrenia, atribuído a Ellen West pelo psiquiatra Eugen Bleuler. Entretanto, de acordo com Binswanger (1967 a, p. 372), desespero seria um termo adequado para descrever o modo de existência da paciente. Acompanhando a análise kierkegaardiana do desespero, em *A doença para a morte* (1849/2022), compreendemos que ele ocorre devido a uma desarmonia entre as polaridades das quais o ser humano é constituído, isto é, infinitude/finitude, necessidade/possibilidade e temporalidade/eternidade, que se manifesta no desejo desesperado de ser si mesmo ou de não ser si mesmo, ou então, na forma mais baixa, que é não ter consciência de possuir um si mesmo, conforme vimos acima.

Kierkegaard também mostra o caminho para a cura desse desespero, uma vez que a frase que parece central nessa obra é a afirmação de Anti-Climacus: “Esta é, pois, a fórmula que descreve o estado do si-mesmo quando o desespero é completamente extirpado: ao relacionar-se a si mesmo e ao querer ser si mesmo, o si mesmo se funda transparentemente no poder que o estabeleceu” (Kierkegaard, 1849/2022, p. 45).

Tal afirmação parece oferecer uma espécie de solução teísta para esse conflito existencial e, nesse caso, Kierkegaard provavelmente não seria muito útil ao psicólogo ou psiquiatra que não compartilha de sua fé cristã. Mas, que o leitor não se engane, pois os vislumbres de Kierkegaard ultrapassaram os muros da religiosidade. Aqui vale a advertência de Binswanger:

Mesmo que o médico da alma não compartilhe da concepção e interpretação puramente religiosa desta “enfermidade” [esquizofrenia], e que não considere o eu como eterno no sentido religioso, nem creia com fé religiosa no poder que o criou, nem veja o ser humano como uma síntese do temporal e do eterno – no sentido religioso –, mas que considere o desespero de um ponto de vista existencial como uma *doença até a morte*, ainda assim, esse médico tem uma grande dívida com a obra de Kierkegaard. (Binswanger, 1967a, p. 357, grifo nosso)

Embora Binswanger não defenda o sentido religioso atribuído por Kierkegaard em *A doença para a morte* (1849/2022), ele, no entanto, parece partidário de que é preciso encontrar um sentido existencial. Tal projeto deve ser estabelecido por amor com vistas a si mesmo. Porém, esclarece o psiquiatra (Binswanger, 1967a, p. 364), esse autoprojeto só é possível na medida em que o eu se torna transparente ao poder (divino) que o estabeleceu (Kierkegaard); ou compreende a maneira de captar o fundamento (metafísico) na autêntica confecção de si mesmo (Heidegger); ou se vê bendito pelo nosso comum fundamento existencial, com o dom do modo dual de ser do amor (Binswanger). Mas quando a existência fecha hermeticamente as portas de seu próprio fundamento e tenta escapar dele desafiadoramente, então também o futuro adquire um sentido diferente, que é o sentido de um autoprojeto em direção a um eu inautêntico ou, o que dá no mesmo, em direção a um eu fantástico.

Ellen, não obstante tenha tentado, não conseguiu estabelecer esse sentido e, desse modo, vivia em conflito entre o infinito e o finito ou, em termos da própria Ellen, entre o real e o ideal. Dessa forma, viveu desesperadamente entre o desejo de ser si mesmo e o constante desejo de apartar-se de si mesmo. Esse conflito pode ser percebido em uma carta que Ellen enviou ao seu marido, na qual compara o desejo de ser magra com o noivo que ela teve que romper (ideal) em favor do seu marido atual (real):

Naquele momento você era a vida que eu estava disposta a aceitar ao preço de renunciar ao meu ideal (o noivo universitário). Mas era uma resolução forçada, tomada artificialmente, sem ter amadurecido de dentro para fora. Por isso não funcionou. Então comecei a enviar pacotes a ele e a me colocar em oposição a você. Somente depois, quando já havia amadurecido por dentro, quando olhei meu ideal frente a frente e comprovei: “cometi um erro, este ideal é uma ficção”, então e, somente então, pude lhe dizer um “sim” tranquilo e seguro. Do mesmo modo tenho que olhar agora meu ideal, este ideal de ser magra, de carecer de corpo, e comprovar “é uma ficção”. Então poderei

dizer “sim” a vida. Enquanto não fizer isto, tudo é pura falácia, como naquela vez em X (a cidade da Universidade). Porém é mais fácil pegar um trem e ir para Y (onde rompeu com o estudante) do que trazer à luz o que jaz enterrado e oculto em mim. O compararte com a vida e a St. (o estudante) com o meu ideal, reconheço que é uma comparação frouxa, a analogia só existe na superficialidade. Tampouco foi totalmente correto o meu “sim” (que disse ao seu marido logo após a visita ao estudante em Y). Eu te escolhi, mas não havia me entregue a você de fato, ainda me preocupava muito com o meu ideal secreto – não me refiro ao estudante, pois este era um ideal puramente externo, me refiro ao ideal da minha vida, ser magra, esbelta. Só me tornarei verdadeiramente sua esposa quando renunciar de uma vez por todas o ideal da minha vida. E isso me é tão difícil que hoje estou *desesperada*, assim como estava há algumas semanas. Pobre! Decepciono-te continuamente! Enquanto ao que se pode observar não voltei a ingerir remédios (laxantes), no entanto, toco frequentemente em meu abdômen e me alimento com angústia e inquietação (Binswanger, 1967a, p. 303, grifo nosso).

Nesse fragmento da carta enviada por Ellen, é possível vermos o conflito de que a paciente padecia. Ela deseja desesperadamente ser si mesma, acolher-se em suas condições, podendo livrar-se do seu ideal. Ao mesmo tempo, seu eu real lhe parece insuportável, como no fragmento que escreveu ao término do relacionamento com o jovem de que fala na carta:

Criador, criador,

Leva-me contigo!

Cria-me pela segunda vez,

Mas cria-me um pouco melhor. (Binswanger, 1967a, p. 299)

Vale, ainda, destacarmos o lema da paciente em sua juventude: “ser César ou nada”. É quase inevitável compararmos tal afirmação com a seguinte passagem d’*A doença para a morte*:

... quando, por exemplo, o ambicioso cujo lema é “ou César ou nada” não se torna César, então ele desespera sobre isso, mas isso significa uma outra coisa: que justamente porque não se tornou César, ele agora não pode suportar ser ele mesmo. Então de fato não desespera sobre não ter se tornado César, mas sobre si mesmo, por não ter se tornado César. ... Num sentido mais profundo não é o fato de não ter se tornado César que lhe é insuportável, ou de modo ainda mais correto, o intolerável para ele é que não consegue livrar-se de si mesmo. (Kierkegaard, 1849/2022, p. 50)



Lembramos a afirmação de Binswanger de que Ellen West sofria de uma doença mental indecifrável por parte dos grandes psiquiatras que, na época, se interessaram pela sua situação. Binswanger, em meio a tantas hipóteses diagnósticas, deu-se conta de que havia algo da ordem do desconhecido pela ciência. Ao estudar Kierkegaard, mais especificamente *A doença para a morte*, ele pensa que o enigma do mal que acometia Ellen fora descrito por Kierkegaard como desespero.

Para Anti-Climacus (Kierkegaard, 1849/2022), vida é desespero, ou seja, tarefa de conquistar a si mesmo enquanto este que se é e que se pode ser. Anti-Climacus acentua que o homem desesperado pode experimentar a tensão como luta, como força, imposição, tentativa de dizer ao destino o que ele deve ser, mas também pode experimentar como lamentação, vitimização, passividade. Em qualquer opção, esse homem estaria tentando dar um fim à duplicidade que sempre nos constitui. Podemos concluir, em vista disso, que estar desesperado significa tentar sair da condição tensa em que se existe/está: ora querendo ser o que não pode e recusando a vida que lhe é dada; ora ignorando que vida é tensão, tarefa. Em qualquer caso, estar desesperado relaciona-se com debater-se contra sua própria condição.

Ellen queria evitar o fluxo da vida e tudo que dizia respeito ao caráter finito, transitório e precário de sua existência. Na tentativa de controlar a sua temporalidade, utilizava-se de toda forma de controle, inclusive da alimentação. Ela não queria envelhecer, engordar, enfim, não queria se entregar ao curso da vida. Até que, provavelmente vendo seu projeto fracassar, passou a querer morrer. Ellen diz: “A cada dia que passa, vou ficando mais gorda, mais velha e mais feia; se minha grande amiga, a morte, me fizer esperar muito mais, então sairei em sua busca” (Binswanger, 1967a, p. 294).

Ellen era, muitas vezes, tomada pela angústia e dizia: “Este é o aspecto terrível de minha vida: está saturada de angústia de terror. Terror de comer, terror da fome, terror do terror. Somente a morte pode libertar-me dessa angústia” (Binswanger, 1967a, p. 308). Ellen relata que “desde muito pequena teve dias em que tudo lhe parecia vazio, e sofria uma opressão que ela mesma não compreendia” (p. 290).

### **Considerações Finais**

Com esse artigo, alcançamos o objetivo de ressaltar que a grande contribuição de Kierkegaard para a psiquiatria foi ter nos lembrado que, para além de toda e qualquer taxonomia que oriente os saberes sobre a esquizofrenia, o que está na base dessa doença é a existência, portanto, o desespero. Com nossos estudos e pesquisas sobre Binswanger e Kierkegaard

pretendemos não só dar maior visibilidade à influência de Kierkegaard na psicologia e na psicopatologia, como também fazer o mesmo com a psiquiatria de Binswanger, que consideramos ainda pouco explorada e ausente nos currículos em psicologia.

Binswanger já havia observado essa relação entre desespero e os quadros psicopatológicos, concluindo que a doença de Ellen era mais bem descrita como a doença mortal proposta por Anti-Climacus (Kierkegaard, 1849/2022). Não só o psiquiatra se expõe a críticas dos estudiosos do psiquismo humano, como também dos intérpretes do pensador dinamarquês, especialmente daqueles oriundos da teologia ou filosofia, uma vez que Kierkegaard não parece interessado em descrever categorias diagnósticas, ou tratar de doenças mentais. Kierkegaard não escreveu um tratado sobre política, arte ou literatura, no entanto, sua influência está presente em todas essas áreas. Kierkegaard é um pensador para além de seu tempo e sua influência é notória na psicologia e psiquiatria existencial. Por isso, ressaltamos que a contribuição deste estudo é não deixar esquecer a importância de autores clássicos da tradição existencial, incentivando que novos estudos possam se inspirar e resultar em novos modos de fazer clínico na contemporaneidade.

Mesmo antes da psicopatologia alcançar a relevância que tem hoje, retomar o pensamento de Kierkegaard nos aponta para algo que pode estar sendo negligenciado, ou seja, que na base existencial de todo transtorno mental está o desespero. Relembramos Kierkegaard (2022) quando nos diz que, do mesmo modo que as doenças do corpo estão para o médico, as doenças do espírito estão para o conhecedor de almas<sup>7</sup> (*Sjelekyndiges*).

## Referências

- Adam, R. (2007). *Lacan y Kierkegaard*. Buenos Aires: Nueva Visión.
- Basso, E. (2016). Ludwig Binswanger: a influência de Kierkegaard sobre o trabalho de Binswanger. Myrian Moreira Protásio (Trad.). In: Feijoo, A. M. L.; Lessa, M.B. M. F. (orgs.). (2016). *Psicopatologia: Fenomenologia, literatura e hermenêutica*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Berlinck M. T.; Magtaz, A. C. (2008) Reflexões sobre o caso de Ellen West. Estudo antropológico-clínico, de Binswanger. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*, 11(2), pp. 232-238. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rlpf/i/2008.v11n2/> Acesso em: 6 fev. 2024.

---

<sup>7</sup> Em muitas traduções para o português é utilizada a palavra psicólogo.

- Binswanger, L. (1967 a). El caso de Ellen West. Estudio antropológico-clínico. In: May, Rollo; Engel, Ernest; Ellemnberg, Henri (orgs.) (1967). *Existencia: Nueva dimension em psiquiatria y psicologia*. Madrid: Credos.
- Binswanger, L. (1967 b). La locura como fenómeno biográfico y como enfermedad mental: El caso Ilse. In: May, Rollo; Engel, Ernest; Ellemnberg, Henri (orgs.). (1967). *Existencia: Nueva dimension em psiquiatria y psicologia*. Madrid: Credos.
- Campos, E. S. (2022). Beleza, impermanência, desespero. In: Campos, E. S.; Feijoo, A. M. L. C. (orgs.). (2022). *A presença de Søren Kierkegaard no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IPUB*. Rio de Janeiro: Edições IFEN.
- Dastur, F.; Cabestan, F. (2015). *Daseinsanálise: Fenomenologia e psicanálise*. Tradução de Alexander de Carvalho. Rio de Janeiro: ViaVerita.
- Evangelista, P. E. R. A. (2020). A fundamentação metafísica da psicologia humanista à luz da fenomenologia existencial. *Rev. Abordagem Gestalt.*, Goiânia, 26(2), 208 - 219. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/50623> Acesso em: 3 ago. 2023.
- Feijoo, A. M. L. C. (2000). *A escuta e a fala em psicoterapia: Uma proposta fenomenológico-existencial*. São Paulo: Vetor.
- Feijoo, A. M. L. C. (2017). *Existência & Psicoterapia: Da Psicologia sem objeto ao saber-fazer em psicologia clínica*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C.; Protasio, M. M. (2023). *Bases kierkegaardianas presentes na Psicologia Existencial: Investigações e pesquisas*. Rio de Janeiro: Edições IFEN.
- Feijoo, A. M. L. C.; Accetta, M. F. F.; Protasio, M. M.; Costa, P. V. R.; Silva, V. P. (2020). Uma análise crítica sobre amor e cuidado em Binswanger e Heidegger. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*. Rio de Janeiro, 20, (spe), 1170-1190.
- Gouvêa, R. Q. (2006). *Paixão pelo paradoxo: Uma introdução aos estudos de Søren Kierkegaard e de sua concepção da fé cristã*. São Paulo: Fonte Editorial.
- Holzhey-Kunz, A. (2018). *Daseinsanálise: O olhar filosófico-existencial sobre o sofrimento psíquico e sua terapia*. Trad. Marco Casanova. Rio de Janeiro: Via Verita.
- Kierkegaard, S. (1845/2005). *In Vino Veritas*. Trad. José Miranda Justo. Lisboa: Antígona.
- Kierkegaard, S. (1849/2010). *O desespero humano*. Trad. A. Casais Monteiro. São Paulo: Editora Unesp.
- Kierkegaard, S. (1849/2022). *A doença para a morte*. Trad. Jonas Roos. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Moreira, V.; Cruz, A. V. H.; Vasconcelos, L. B. (2005). O caso Ellen West de Binswanger: fenomenologia clínica de uma existência inautêntica. *Revista Mal-estar e Subjetividade*. Fortaleza, 5, (2), 382-396. Disponível em:

[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482005000200010](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482005000200010)

- Protasio, M. M. (2015). *O si mesmo e as personificações da existência finita: Comunicação indireta rumo a uma ciência existencial*. 1. ed. Rio de Janeiro: Edições IFEN.
- Protasio, M. M.; Feijoo, A. M. L. C.; Silva, V. P.; Costa, P. V. R.; Accetta, M. F. F. A, (2021). importância do amor na prática clínica de Binswanger. *Acta Psiquiátrica y Psicológica de América Latina*, 67(1), 201-215.
- Ross, J. (2009). Kierkegaard e a análise do desespero: entre o indivíduo e a sociedade. *Controvérsia*, 5(3), 8-18. [citado em 17 setembro, 2020] Disponível em: <http://revistas.unisinos.br/index.php/controversia/article/view/6682/3732>
- Ross, J. (2022). Introdução. In: Kierkegaard, S. (1849/2022). *A doença para a morte*. Trad. Jonas Ross. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Silva, Victor Portavales. (2022). *Sobre a Experiência Onírica de um Suicida Hermético: Testemunhos da busca por uma interpretação fenomenológica para o silêncio no suicídio*. 168 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Instituto de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. Disponível em: <https://www.bdt.d.uerj.br:8443/handle/1/18830>

•  
**Carlos Campelo da Silva** - Doutorando em Ciências da Religião (PUC-Campinas), professor colaborador do Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN) e docente Centro Universitário Adventista de São Paulo (UNASP-HT).

**E-mail:** [carloscampelo.psi@gmail.com](mailto:carloscampelo.psi@gmail.com)

**Myriam Moreira Protasio** - Doutora e Mestre em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Especialista em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia Fenomenológico-Existencial do Rio de Janeiro (IFEN).

**E-mail:** [myprotasio@yahoo.com.br](mailto:myprotasio@yahoo.com.br)

**Ana Maria Lopez Calvo de Feijoo** - Professora Titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - Departamento de Psicologia Clínica - DPC e Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social - PPGPS da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ).

**E-mail:** [ana.maria.feijoo@gmail.com](mailto:ana.maria.feijoo@gmail.com)

Recebido em 10.09.2023  
Primeira decisão editorial em 23.01.2024  
Aceito em 18.04.2024